

Motivação e ginástica artística na escola: a perspectiva do professor

Motivation and artistic gymnastics at school: the teacher's perspective

LOPES, P; OLIVEIRA, M S; NUNOMURA, M. Motivação e ginástica artística na escola: a perspectiva do professor. **R. bras. Ci. e Mov** 2016;24(1): 69-79.

Priscila Lopes¹
Maurício Santos Oliveira²
Myriam Nunomura³

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

²Universidade Federal do Espírito Santo

³Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto

RESUMO: Os ídolos esportivos favorecem a popularidade e a adesão à prática esportiva. E, no caso da Ginástica Artística (GA), nomes como Arthur Zanetti e Daiane dos Santos adquiriram notoriedade na sociedade brasileira e parecem contribuir para a atração de novos praticantes para a modalidade no país. Mas, os ginastas novatos necessitarão de motivação, pois há fatores favoráveis e desfavoráveis circunscritos nesse fenômeno esportivo. Para discutir esses fatores, nosso objetivo foi identificar, entre os professores, aqueles aspectos que favorecem e desfavorecem a motivação para a prática de GA nas escolas. Metodologicamente, optamos pela pesquisa de campo na qual recorremos à entrevista semiestruturada que foi conduzida com profissionais que atuam na GA em atividades extracurriculares na grande São Paulo. Os dados foram analisados seguindo os preceitos da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2006). Os resultados apontam a prevalência de fatores desfavoráveis em relação àqueles favoráveis. Observamos que os professores não possuem o hábito de questionar seus alunos acerca dos motivos que os atraíram para a prática da GA. E, a maior parte deles, só questiona os ginastas quando há algum problema evidente relacionado à motivação. Consideramos que os profissionais de Educação Física precisam conhecer, refletir e agir sobre os fatores desfavoráveis para diminuir o índice de abandono da prática esportiva. Destacamos, também, que o conhecimento dos fatores favoráveis poderia contribuir positivamente com os níveis de motivação, pois o professor aproximaria as atividades dos anseios e necessidades de seus alunos.

Palavras-chave: Ginasta; Atividades Extracurriculares; Motivação.

ABSTRACT: Sports idols can favor popularity and adherence to the sport practice. In the case of Artistic Gymnastics (AG), athletes like Arthur Zanetti and Daiane dos Santos gained notoriety in our society and seem to contribute to attract new athletes to this sport in Brazil. However, these novice gymnasts will need to be continually motivated as there are favorable and unfavorable factors surrounding this sport phenomenon. In order to discuss these factors, this study aimed to identify within the teachers aspects that favor or disfavor the motivation to practice AG at schools. As methodological procedure, we opted for a field survey in which we conducted semi-structured interviews with professionals who teach AG as after school activities on the outskirts of São Paulo city. The data treatment followed the guidelines of Content Analysis proposed by Bardin (2006). The results indicate the prevalence of unfavorable factors in relation to the favorable ones. We observed that teachers do not have the habit of questioning their students about their reasons that attracted them to AG. Most of them only inquiry the gymnasts when there's evident problem in relation to motivation. We believe that the physical education teachers need to know, reflect, and act upon the unfavorable factors in order to decrease the rate of dropout of this sport practice. We highlight that knowing the favorable factors would contribute positively to the motivation, as the teacher may meet the students' desires and needs.

Key Words: Gymnast; Extracurricular Activity; Motivation.

Recebido: 21/05/2015
Aceito: 19/10/2015

Contato: Priscila Lopes - priscalopes@usp.br

Introdução

A trajetória histórica da Ginástica Artística (GA) no Brasil revela que, por muito tempo, essa modalidade ficou nos bastidores do esporte nacional. Nas últimas décadas, mais precisamente a partir do final dos anos 90, observamos a maior veiculação da GA na mídia. E, nesse início de século XXI, ela foi impulsionada pelos grandes resultados dos ginastas brasileiros^{1,2}.

A medalha de prata de Daniele Hypólito, na prova de solo, no Campeonato do Mundo de Ghent na Bélgica, em 2001, foi um marco na GA brasileira e contribuiu para que esse esporte fosse mais conhecido entre a população geral. Em 2003, seria a vez de Daiane dos Santos conquistar o ouro no mundial de Anaheim nos Estados Unidos nesse mesmo aparelho. Um ano depois, nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, o Brasil inteiro acompanharia a prova de solo de Daiane dos Santos com seu “duplo twist carpado” embalado pela melodia da música “Brasileirinho”. Posteriormente, Diego Hypólito, Jade Barbosa e o atual campeão olímpico Arthur Zanetti também se destacaram nos noticiários esportivos devido as suas proezas e resultados expressivos.

Esses fatos mostram como a GA vem adquirindo espaço na conjuntura esportiva nacional ao longo dos anos. E, no momento atual, os ginastas brasileiros compartilham o espaço do noticiário esportivo com modalidades mais populares como: futebol, vôlei, basquete e natação.

A mídia exerce papel proeminente ao disseminar e popularizar os ícones esportivos. Bracht³ pontua que o processo de espetacularização do esporte de alto rendimento por meio da mídia está relacionado à construção da imagem de heróis esportivos. O surgimento de ídolos nacionais na GA contribui com a sua maior notoriedade na sociedade brasileira⁴. E, Morato, Giglio e Gomes⁵ abordam a temática de ídolos esportivos e sinalizam que esses são exemplos e colaboram com a motivação. Assim, essa conjuntura favorável de resultados positivos da GA brasileira e a emergência de ídolos no cenário nacional parecem despertar o interesse de crianças e jovens por essa prática esportiva.

Entretanto, é importante mencionar que também existem fatores que desfavorecem a motivação para a prática de GA. Podemos citar a crença de que a GA é muito difícil devido à veiculação prioritária de imagens de atletas de alto nível e suas habilidades complexas na mídia. Outros fatores, negativamente impactantes na motivação, são a limitação de idade para o ingresso e a constituição física do praticante.

No âmbito masculino podemos citar, também, as barreiras culturais relacionadas à prática da GA. A modalidade teve sua origem na preparação de soldados⁶, e as mulheres somente adquiriram direito à prática e participação em competições após longo período de tempo, pois a GA era compreendida como inadequada à prática feminina⁷. Entretanto, nos dias de hoje, o componente artístico é utilizado para classificá-la como uma prática feminina. Assim, o fato desperta a resistência de pais a permitirem que seus filhos homens pratiquem GA, pois temem que a experiência os efemine. Oliveira⁴ acrescenta que a GA sofre com a disputa desleal com modalidades mais populares no Brasil, sobretudo, o futebol.

Observamos que os fatores motivacionais, sejam favoráveis ou desfavoráveis, são variados e multidimensionais. E, incidem diretamente na inserção, na aderência e no abandono de praticantes. Apesar dessa significativa importância e, independentemente do nível em que trabalham, alguns profissionais negligenciam esse fator e, muitas vezes, reclamam do nível de abandono de praticantes na GA⁸. O fato de não conhecer, refletir e agir sobre suas causas torna propício que o abandono ocorra, pois esses profissionais não sabem lidar com crianças desmotivadas, ou não conseguem manter a motivação inicial que as atraiu para a GA. Isso pode influenciar tanto a mudança de uma modalidade para outra, o que não seria um grande problema, quanto o total abandono da prática esportiva.

Assim, o objetivo do presente estudo foi identificar e analisar, por meio da perspectiva dos professores de Educação Física, os fatores que favorecem e desfavorecem a motivação para a prática da modalidade

no contexto das atividades extracurriculares nas escolas de ensino fundamental e médio. Sabemos que os estudos sobre a motivação para a prática de GA ainda são escassos, principalmente, no seu contexto formativo. E, nossa intenção é fomentar o conhecimento e discutir esse aspecto que influencia diretamente o desenvolvimento da GA no país.

Materiais e Métodos

No presente estudo de campo de natureza qualitativa, analisamos e discutimos os depoimentos à luz do modelo conceitual de motivação intrínseca e extrínseca que circunstancia a GA formativa.

Foram entrevistados seis professores de GA distribuídos em seis colégios da rede particular da Grande São Paulo. Para efetuar essa coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada que foi apoiada em um roteiro, mas que permitia a inserção de novos questionamentos durante a intervenção⁹. As entrevistas foram realizadas individualmente, no próprio ambiente de trabalho, sendo gravadas e transcritas integralmente.

Destacamos que os professores são graduados em Educação Física e o tempo de experiência profissional na GA variou entre um e 30 anos. Também verificamos que cinco professores são ex-atletas da modalidade. E, o período de vigência dos programas de GA nas instituições variou entre dois e 23 anos.

Para o tratamento dos dados optamos pela técnica de Análise de Conteúdo que, segundo Bardin¹⁰, refere-se a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p.37). Nesse tipo de abordagem os dados são codificados, classificados e categorizados, o que possibilita a melhor organização e consequente exame crítico do conteúdo que emerge das mensagens e que são de interesse da pesquisa. Após a organização dos dados, optamos pela análise temática.

Os indivíduos do estudo foram apresentados no decorrer do texto pela abreviatura P (professor) seguida por numeração para fins de organização. Cada sujeito recebeu um termo de consentimento livre e esclarecido, apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de

Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (CEP03709/EEFE/26032009).

A GA como atividade extracurricular na escola

A GA pode ser praticada com fins competitivos, formativos, recreativos ou lazer. Segundo a literatura sobre as abordagens da GA^{11, 12}, podemos subdividir a modalidade em dois polos: Atividade GA e Esporte GA. Tratam-se de vertentes em que os processos de ensino e conteúdos são semelhantes, porém, os objetivos e as abordagens são distintos.

A Atividade GA visa ao desenvolvimento de habilidades motoras por meio de movimentos ginásticos. Não há pré-requisitos para iniciar na modalidade e, geralmente, a prática ocorre concomitantemente com outras atividades. A preocupação do profissional de Educação Física está no processo de aprendizagem e não com o desempenho. Nesse sentido, o ensino é direcionado com ênfase no aspecto lúdico e formativo.

Com viés distinto, o Esporte GA é voltado à competição, pois visa ao alto desempenho em eventos formais normatizados e, assim, o praticante tem que dispor de dedicação, muitas vezes, exclusiva. Os atletas são escolhidos em processos de detecção e seleção de talentos¹³ e, em geral, a especialização na modalidade é precoce.

Embora muitas escolas tenham o desejo de se destacar em competições, a conjuntura do ambiente escolar dificulta a presença do Esporte GA nas atividades extracurriculares. Pois, há incompatibilidade com a infraestrutura e os recursos humanos disponíveis na grande maioria delas. Desta forma, observamos que as escolas abrangidas nesse estudo contemplam a GA, nas atividades extracurriculares, em sua vertente formativa.

Motivação e ginástica artística

Segundo Weinberg e Gould¹⁴, a “motivação é a direção e a intensidade do esforço”. A direção do esforço refere-se ao fato de se buscar algo e a intensidade está relacionada ao esforço durante a ação. Os autores afirmam que a visão mais compartilhada por psicólogos

do Esporte e do Exercício Físico é a visão interacional entre indivíduo e situação.

Essa teoria propõe que a motivação para a prática esportiva depende da influência mútua de fatores pessoais que se referem às características individuais (personalidade, necessidades e objetivos) e situacionais que estão relacionados com a circunstância na qual o indivíduo se encontra, como: o ambiente do esporte competitivo ou não, o estilo do técnico, entre outros¹⁴.

A motivação também pode ser entendida pela sua origem que pode ser intrínseca ou extrínseca^{14, 15}. Segundo Weinberg e Gould¹⁴, as pessoas intrinsecamente motivadas se esforçam internamente para serem competentes e autodeterminadas com o intuito de dominar a tarefa proposta. Tratam-se de pessoas que participam por amor ao esporte ou exercício físico. Outras características são que esses indivíduos jogam por orgulho, apreciam a competição, gostam de ação e ativação, mantêm foco no divertimento e querem aprender o máximo de habilidades possíveis. Na GA, Massimo e Massimo¹⁶ exemplificam a motivação intrínseca quando o ginasta busca satisfazer seus anseios pessoais e reconhece o prazer ou a utilidade na prática.

Com relação à motivação extrínseca, Massimo e Massimo¹⁶ citam que essa emerge quando os ginastas buscam satisfazer demandas externas que, na maioria das vezes, estão relacionadas aos treinadores, pais e companheiros. Como podemos observar, a motivação extrínseca advém da necessidade externa à pessoa que realiza determinada atividade para alcançar outro objetivo maior e obter satisfação a partir do que decorre dela e não da ação em si¹⁷.

Martens¹⁵ afirma que é possível e muito comum que a prática esportiva envolva motivos tanto intrínsecos quanto extrínsecos, mas a importância que o praticante confere a cada um desses é fundamental para o conhecimento dos professores e treinadores esportivos. Essa informação permite aos profissionais direcionar os estímulos motivacionais de acordo com a característica e a necessidade de cada praticante.

Resultados e discussão

Fatores Favoráveis

Como marco inicial da pesquisa de campo, questionamos os professores de GA acerca do seu conhecimento relativo aos fatores motivacionais de seus alunos. A maioria dos entrevistados afirmou que não tem o hábito de questioná-los sobre os motivos que os atraem para a prática da GA. Alguns mencionaram que conversam, esporadicamente, sobre aspectos relativos à motivação com os ginastas ou somente quando percebem que há algum problema. E, apenas dois, dentre os seis professores, afirmaram que perguntam o motivo da escolha pela GA no primeiro contato com os alunos, mas, os mesmos não costumam questionar os objetivos e anseios dos praticantes.

Percebemos que a motivação não é tema frequente entre professores e alunos, o que corrobora dados da literatura que destacam a falta de comunicação entre treinadores/atletas e professores/alunos^{15, 18, 19}.

Todavia, os professores relataram os fatores que interferem na motivação para a prática de GA. E, em relação aos motivos favoráveis, esses citaram apenas fatores extrínsecos, conforme observamos no Quadro 1.

Subcategorias	Unidade de registro
Fatores extrínsecos	Condições físicas/estruturais do ambiente das aulas
	Bons resultados em eventos competitivos/festivais
	Qualidade do trabalho

Quadro 1. Categoria: Fatores favoráveis à motivação para prática de GA na escola.

A Unidade de Registro “Condições físicas/estruturais do ambiente das aulas” foi destacada no depoimento de dois professores: “O ginásio já é a motivação aqui. Quando eles olham isso aqui, olham a cama elástica (...) Isso já é a primeira coisa que eles, que eles motivam.” (P1); “Porque a gente tem um local separado, tem material (...)” (P3).

O ambiente ginástico é extremamente atrativo. Os colchões, os equipamentos auxiliares e os aparelhos oficiais da GA incitam na criança a vontade de se suspender, rolar, saltar e se movimentar. Lopes e Nunomura²⁰ citam que o contato com esse ambiente que é

naturalmente atraente pode contribuir com o interesse e a motivação.

Segundo os sujeitos, outro fator que favoreceria a motivação está relacionado aos resultados positivos obtidos com a participação e a realização de eventos competitivos e de demonstração: *“acho que pelo destaque que você tem aí fora com outras escolas (...) as competições são de bom resultado, as aberturas são extremamente elogiadas. Então, eu acho que isso já é um cartão de visita.”* (P1); *“essas apresentações que eu faço chama muita atenção”* (P3).

Entretanto, esse fator deve ser utilizado com cautela. Korsakas²¹ observa que, muitas vezes, a grande preocupação dos colégios em ter equipes vitoriosas sobrepõe-se aos objetivos educacionais e formativos do Esporte, o que faz com que o aluno passe a ser apenas um meio de promoção do colégio e se distancia do verdadeiro papel do Esporte na escola. Por outro lado, Lopes e Santos²² destacam os festivais de Ginástica Para Todos como uma possibilidade de motivar a prática de GA. As autoras perceberam que, durante o processo de elaboração das coreografias para o evento, o nível de motivação elevou-se tanto na participação das aulas como na vontade de aprender e melhorar os elementos de GA para que esses pudessem ser incluídos na apresentação.

Ainda sobre os fatores positivos, verificamos no Quadro 1 a Unidade de Registro “Qualidade do trabalho” que foi mencionada como fator motivacional por P1: *“Eu acho que ao bom trabalho (...). Quando você faz um trabalho bem feito com todo mundo, porque o grupo (professores) aqui é muito bom”*.

A literatura indica que os problemas com motivação na GA podem ter origem na atuação dos profissionais que orientam a modalidade¹⁶. Alguns estudos conduzidos por Nunomura^{23, 24, 25} e Nunomura e Nista-Piccolo²⁶ apontam algumas dificuldades na implementação de aulas de GA, como: a falta de material e espaço; o pouco conhecimento sobre os conteúdos da GA; o tempo limitado; a falta de incentivo; a insegurança na ajuda manual; entre outros fatores que incidem na qualidade do trabalho do profissional.

Almeida²⁷ cita que alguns professores que trabalham com a iniciação de GA não desenvolvem as capacidades motoras como a força e a flexibilidade de forma satisfatória. E, se restringem apenas a alguns exercícios de natureza geral. Nesse tipo de trabalho, os alunos apresentarão dificuldade de avançar para habilidades mais complexas. O autor acredita que, dessa forma, a criança vivenciará atividades repetitivas sem progressão visível e, como consequência, perderá interesse pela GA.

Ao analisarmos o discurso de P1, podemos identificar que essa qualidade do trabalho que potencializa a motivação está mais relacionada ao trabalho em equipe do que ao nível técnico dos professores: *“eu chamo que nós somos um grupo que a gente trabalha em conjunto. (...) não tem o menor problema entre nós professores, nós resolvemos todos juntos, um resolve problema de outro (...)”* (P1). É possível que a união entre os professores torne o ambiente de aula agradável e harmonioso. E, Salgado²⁸ afirma que o bem-estar e a permanência dos jovens no esporte dependem, em grande medida, da postura dos professores.

Fatores desfavoráveis

Sobre os fatores desfavoráveis à motivação, constatamos a variedade maior de Unidades de Registro. Verificamos também a emergência de fatores intrínsecos, conforme o Quadro 2.

Subcategorias	Unidade de registro
Fatores intrínsecos	Fase da adolescência
	Falta de evolução na modalidade
	Timidez
	Falta de objetivo/meta
Fatores extrínsecos	Preconceitos
	Excesso de atividades escolares
	Pouca participação em eventos
	Falta de incentivo dos pais
	Pouco material/infraestrutura

Quadro 2. Categoria: Fatores desfavoráveis à motivação para prática de GA na escola.

A fase da adolescência é citada como um período crítico para a prática de GA, conforme observamos em alguns depoimentos: *“Porque são adolescentes, tão naquela fase e idade de 14, 15 anos (...). Agora a tarde,*

aí já tem shopping, já tem inglês, já tem namorado, já tem uma série de coisas (...)” (P1); *“Tem a fase da ‘aborrecência’ também que nem elas entendem o que está acontecendo com o corpo delas, com elas, aqueles hormônios pra cima e pra baixo”* (P2).

Os professores consideram que as mudanças biológicas e comportamentais típicas dessa fase de desenvolvimento influenciam o afastamento da prática de GA. Esse fato é esclarecido por Mussen et al.²⁹ que considera normal os conflitos de interesses na adolescência, pois é um período de transições e instabilidades, sejam biológicas, psicológicas e sociais.

Entretanto, para o sujeito P4 o problema com jovens nessa faixa etária está relacionado com a dificuldade de aprendizado das ações motoras da GA do que com os aspectos supracitados: *“Ah, se você começar mais velha e você nunca fez, não tem muita facilidade, é mais difícil você trabalhar isso também. Quanto mais nova mais fácil, né, principalmente na ginástica”* (P4). Tal observação merece considerações, pois na vertente formativa da GA o foco deveria estar no processo e não no rendimento.

A falta de evolução na modalidade também foi ressaltada como um fator de desmotivação: *“Existe uma ou outra menina que acaba desmotivada pelo caminho por não estar conseguindo evoluir como as outras”* (P3). Alguns autores afirmam que a competência esportiva é um aspecto motivador que contribui para o engajamento na prática esportiva e auxilia a evitar o seu abandono^{14, 30}. Weinberg e Gould¹⁴ citam a responsabilidade dos profissionais que atuam com o esporte infantil em elevar a percepção de competência das crianças.

O longo processo de aprendizagem de um elemento de dificuldade pode ser um agente desmotivador para alguns ginastas. Muitos praticantes procuram a GA para aprender os movimentos executados pelos ginastas em evidência, como Daiane dos Santos ou Arthur Zanetti. Os alunos chegam à aula com a intenção de “dar um mortal”. Mas, sabemos que para a aprendizagem de um salto mortal, assim como para muitos outros elementos de voo da GA, são necessários muitos pré-requisitos que deverão ser desenvolvidos durante um longo período.

Cogan e Vidmar³¹ alertam que a GA necessita de dedicação e, mesmo com disciplina e diligência, o progresso na modalidade pode ser lento.

Outro aspecto enunciado como desmotivador foi relacionado por P1 que ressalta que crianças muito tímidas têm dificuldades em se manter motivadas na GA: *“Quando ele tem muita dificuldade em vencer as coisas. Então você tem que motivar muito esse aluno pra ele conseguir vencer aquela, aquelas coisas (...). Então, eles, eles se fecham, eles têm medo de se expor. (...) Então, tem que fazer assim: bolar mil alternativas de aula pra fazer com que ele saia do casulo ou então que ele se motive, né”* (P1).

Para uma criança tímida, a exposição perante os outros e as correções públicas podem ser prejudiciais para seu aprendizado. A ansiedade criada pela situação é uma das variáveis citadas por Magill³², pois interfere no desempenho da habilidade. A professora P1 também cita a necessidade de criar alternativas distintas para elevar o nível de motivação visto que essa consiste em um gatilho para o aprendizado¹⁴.

A falta de objetivo ou meta também é citada como um empecilho na motivação para prática de GA: *“se a gente tem um objetivo, por exemplo, abertura, eles são extremamente motivados a vir. Mas quando você não tem um objetivo, não tem uma competição ou não tem nada, isso desestimula eles. (...) Se você não tiver meta, eles debandam. Não vêm treinar só por treinar”* (P1).

O estabelecimento de metas é destacado por Schmidt e Wrisberg³³ ao citarem que o ponto chave para a motivação está relacionado à relevância pessoal e à orientação para o processo. Os autores propõem o envolvimento dos alunos no estabelecimento de metas, nas quais os aprendizes têm a oportunidade de selecionar seus próprios objetivos. Além de serem encorajados a avaliar o sucesso ao alcançá-las. Enquanto se sentirem bem sucedidos e estiverem atingindo suas próprias metas, provavelmente, os alunos continuarão motivados para aprender.

A pouca participação em eventos é relatada por P3 e P6 como um problema de motivação para prática de GA, pois não há objetivos: *“se ficar só com aula, as*

crianças ficam desmotivadas. Elas gostam de se apresentar, né, de se mostrar pros pais, pra escola” (P3); “Antigamente não tinha nada, então acabava perdendo o estímulo. Até eu mesmo, porque eu falava: “nossa, a gente treina, treina, treina e pra onde que vai isso?” (P6). O sujeito P6 chama a atenção para o fato de que simplesmente treinar, sem ter para quem demonstrar, torna a prática um ato sem sentido para determinados alunos e, até mesmo, para ele enquanto professor.

Marques³⁴ cita que a aula ou o treino, como atividade de preparação, só ganhará significado para a criança mais tarde quando ela adquirir conhecimentos acerca da preparação esportiva. E, Korsakas²¹ tendo como premissa o clima motivacional do ambiente de prática, o qual consiste em um elemento determinante das orientações para metas, complementa essa questão ao dizer que quando estabelecemos referências e metas individuais de acordo com o nível de desenvolvimento de cada praticante e os orientamos para a busca da auto-superação e não da superação de outros, podemos oferecer oportunidades iguais de aprendizagem e de progresso para todos.

Entre os fatores desfavoráveis extrínsecos, os problemas relacionados aos preconceitos foram relatados por P2, P3, P4 e P5. Um dos problemas refere-se ao comprometimento do crescimento que as crianças praticantes de GA poderiam sofrer, conforme o depoimento de P2: “*existem na massa ainda, aquele mito da ginástica não cresce, não faz bem*”.

Ferreira Filho, Nunomura e Tsukamoto³⁵ explicam que pelo fato de a maioria dos ginastas de expressão apresentar baixa estatura, criou-se o mito de que isso pudesse estar diretamente relacionado aos treinamentos intensivos na GA. A experiência prática nos mostra que essa visão não se restringe ao setor competitivo.

Outro preconceito citado pelos professores trata da suposta feminilidade da GA, conforme os seguintes depoimentos: “*Nós tivemos um menino mais afeminado e começou aquela coisa: “ah ginástica é pra gay” (...) E aí todos os meninos praticantes começaram a absorver essa ideia (...) Então, isso afugentou os meninos (...) a ginástica é coisa de mulher. E, querendo ou não é um*

preconceito grande que a ginástica sofre, nós temos ídolos na ginástica que são afeminados e isso já incorpora no menino quando assiste” (P2); “*Foi aberto pros meninos, mas tinha um e como só tinha ele, ele fazia junto com as meninas, aí ele acabou desistindo (...) Tem aquele, aquele preconceito ainda, né, principalmente nos colégios. Não é pra menino, faz junto com meninas a aula, difícil formar uma turma só de menino*” (P4).

O sujeito P2 relata que a participação de um garoto efeminado nas suas aulas foi responsável pelo afastamento de outros meninos da modalidade. Esse professor citou, também, que ídolos de GA que apresentam características ditas femininas, baseadas em fundamentos heteronormativos, podem influenciar o conceito que as pessoas têm de ser um esporte feminino. Santos, Antunes e Reis³⁶ consultaram a opinião de 300 pais para saber se havia modalidades esportivas que eles considerassem apenas de meninos ou de meninas. E, 24% responderam que consideram que há modalidades inadequadas para homens. Desse total observamos que a maior porcentagem, ou seja, 12,3% foi para dança e GA. Esses dados reforçam a necessidade de se discutir com os alunos as questões de gênero e de sexualidade com o intuito de fomentar a formação global dos mesmos.

Observamos, também, no discurso de P3 a emergência da preocupação dos pais acerca das questões de gênero e sexualidade: “*Com meninos eu tenho que motivar, explicar que fazer ginástica não é só coisa de menina, dar exemplo de Diego Hypólito, não colocar collant em alguns. Eu ponho camiseta mais justa, shortinho, evito colocar collant porque os pais das crianças não aceitam (...)*” (P3). P5 acredita que o fato dela ser do sexo feminino implica na escassez de meninos nas turmas: “*Porque eu acho que a procura de meninos é menor porque eles inibem, né, quando a professora é menina. Tem um preconceito dos pais também (...) Então, agora vai ter que pedir um técnico masculino pra que ele trabalhasse junto comigo pra que o pai veja que não é só menina que trabalha, que faz*” (P5).

A falta de incentivo dos pais foi outro ponto discutido pelos professores como fator que incide na motivação para a prática da GA: “*Tem pai que não gosta*

*da modalidade, que que o filho, que a filha faça balé que é mais gracioso, que acha mais bonito” (P4); “é o esporte mais caro, na minha escola (...). E, tem também a manutenção dos aparelhos. Então, tudo isso é repassado na mensalidade dos alunos. Então, existe uma concorrência com os esportes mais baratos” (P2). Fraser-Thomas, Côté e Deakin³⁷ consideram os pais responsáveis pela apresentação da prática esportiva às crianças. E, também, responsáveis por proporcionar os meios e os recursos necessários para que os filhos se mantenham engajados nela. Mas, Nunomura e Oliveira³⁸ alertam que os pais podem agir como agentes motivadores ou, contrariamente, favorecer o *dropout* por meio de atitudes negativas.*

Observamos que os materiais e a infraestrutura física podem diminuir a motivação para a prática de GA: *“Se tivesse mais alguma coisa que chamasse mais a atenção delas, lógico que teria até mais crianças. Uma cama elástica seria o ideal” (P4); “Fator aparelho (...) tem que treinar lá fora, quando a sala de balé está ocupada tem que ficar carregando colchão pra fora. Tudo isso é um problema porque aí é tempo que você gasta, tem duas horas de aula aí vai ter uma hora e meia.” (P5); “Então, as condições desmotiva muito (...) Ter que montar e desmontar. Nossa, mas eu perco 10 minutos, 15 minutos pra montar isso porque é eu sozinho, eles não gostam. Eles gostam de chegar e tá tudo pronto, sabe? (...) Se fosse um espaço de ginástica que eles chegassem, corresse, fizesse aquecimento, brincadeira e treinasse, seria diferente, mas desmotiva. Isso desmotiva” (P6).*

Conclusões

Na opinião dos professores há um conjunto de fatores que favorecem e desfavorecem a motivação para a prática de GA formativa, os quais são de origem intrínseca e extrínseca. Constatamos, também, que os fatores motivacionais favoráveis que emergiram no decorrer do estudo são apenas de origem extrínseca, enquanto aqueles que desfavorecem são de origem intrínseca e extrínseca.

Todavia, percebemos que a maioria dos professores não tem o hábito de questionar os alunos sobre os motivos que os atraíram para a prática de GA e aqueles que os mantêm envolvidos. Fato que corroborou a não emergência de fatores intrínsecos favoráveis à motivação.

Constatamos que os professores entrevistados se apoiam no conhecimento de seus alunos no convívio cotidiano. Isso facilita o bom relacionamento entre esses mentores esportivos e seus alunos.

Os professores também percebem a importância da qualidade do trabalho para que a atividade seja significativa para os alunos. Aliás, ao citarem o bom relacionamento entre eles e os alunos, os professores demonstram que acreditam que o bom trabalho não esteja relacionado apenas à qualidade técnica, mas, também à atitude e o comportamento profissional.

Podemos concluir, também, que os professores têm mais ponderação acerca dos fatores desfavoráveis à motivação para a prática de GA formativa. Isso se reflete no número de Unidades de Registro e evidencia os problemas e os desafios impostos para manter a motivação dos jovens ginastas.

Os indivíduos do estudo relacionaram todos os fatores desfavoráveis à motivação ao praticante ou o ambiente físico, ou seja, eles descuidam da possibilidade de haver problemas na sua forma de conduzir a atividade. A qualidade do trabalho é citada apenas como um fator de motivação. Assim, os professores transferem a responsabilidade da falta de motivação aos ginastas, aos pais e ao ambiente.

Outro ponto observado foi a falta de preparo de alguns professores para identificar e intervir na motivação. Os motivos mudam ao longo da vida e os professores devem ter essa perspectiva para manter os praticantes envolvidos o maior tempo possível, pelo menos enquanto estiverem na escola.

A partir desses resultados, destacamos que tanto os fatores intrínsecos como os extrínsecos devem ser ponderados, discutidos e acompanhados pelos professores. E, que a responsabilidade em manter os

níveis de motivação necessita ser compartilhada com os pais e alunos de modo que todos desenvolvam maior comprometimento com a atividade e, conseqüentemente, possam usufruir o potencial de benefícios da GA.

Sugerimos que a comunicação entre professores e alunos, principalmente, sobre os fatores motivacionais seja intensificada para que não haja dúvidas sobre o atendimento às necessidades e às expectativas dos praticantes. Os professores devem esgotar seus esforços para identificar os motivos que atraem os jovens à prática de GA e, ao mesmo tempo, utilizar essas informações para criar e aplicar estratégias motivacionais que possam mantê-los na prática de forma divertida e prazerosa.

Referências

1. Oliveira MS, Bortoleto, MAC. A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). *Revista Motriz*, 2009; 15(2): 297-309,.
2. Schiavon LM, Paes, RR, Toledo E, Deutsch S. Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 2013; 27(3): 423-436,.
3. Bracht V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Unijuí; 2005.
4. Oliveira MS. O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. Campinas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas; 2010.
5. Morato MP, Giglio SS, Gomes MSP. A construção do ídolo no fenômeno futebol. *Motriz*, Rio Claro, 2011; 17(1): 01-10.
6. Borrmann G. Ginástica de aparelhos. Lisboa: Estampa; 1980.
7. Oliveira MS. A microcultura de um ginásio de treinamento de ginástica artística feminina de alto rendimento. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo; 2014.
8. Lopes P. Motivação e ginástica artística formativa no contexto extracurricular. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo; 2009.
9. Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1987.
10. Bardin L. Análise de conteúdo. Trad.: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4a edição. Lisboa: Edições 70; 2006.
11. Sawasato YY, Castro MFC. A dinâmica da Ginástica Olímpica. In: Gaio R, Batista JCF. A ginástica em questão: corpo e movimento. Ribeirão Preto: Tecmed; 2006. p.107-127.
12. Nunomura M. Ginástica educacional ou ginástica olímpica. *Motriz*, 1998; 4(1): 65-68.
13. Nunomura M, Oliveira MS. Detecção e seleção de talentos na ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 2014; 36(2): 311-325.
14. Weinberg R, Gould D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. Trad.: Maria Cristina Monteiro. 4ª Edição. Porto Alegre: Artmed Editora; 2008.
15. Martens R. Coaches guide to sport psychology. Champaign: Human Kinetics Publishers; 1987.
16. Massimo J, Massimo S. Gymnastics psychology: the ultimate reference guide for coaches, athletics and parents. Nova York: Morgan James Publishing; 2013.
17. Franco, GS. Psicologia no esporte e na atividade física. São Paulo: Editora Manole; 2000.
18. Moraes LC, Salmuski D, Noce F. Fatores motivacionais para prática do judô. In: Greco PJ, Salmuski D, Caran Jr. E. Temas Atuais em Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Healthet; 1997. p. 125-143.
19. Robertson I. O treinador e o abandono dos jovens praticantes. *Treino Desportivo*, 1987; 5: 23-30.
20. Lopes P, Nunomura M. Motivação para a prática e permanência na Ginástica Artística de alto nível. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 2007; 21(3): 177-87.
21. Korsakas P. O clima motivacional na iniciação esportiva: um estudo sobre a prática pedagógica e os significados de esporte e educação. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – Universidade de São Paulo; 2003.
22. Lopes P, Santos LR. O festival de Ginástica Geral como agente motivador na prática de Ginástica Artística formativa: A experiência do Esporte Clube Pinheiros. In: Anais do IV Fórum Internacional De Ginástica Geral; 2007 ago 23-26; Campinas, Brasil.
23. Nunomura M. Abordagem educacional para ginástica olímpica: avaliação de sua aplicabilidade num ambiente escolar. *Revista Paulista de Educação Física*, 1997; 11(1): 63-77.
24. Nunomura M. Uma alternativa de conteúdo para um programa de iniciação à ginástica artística: a experiência no Canadá. *Motriz*, 2000; 6(1): 31-34.
25. Nunomura M, Nista-Piccolo VL. Pedagogia da ginástica artística. In: Nunomura M, Nista-Piccolo VL, organizadores. Compreendendo a ginástica artística. São Paulo: Phorte Editora; 2005. p. 27-36.
26. Nunomura M. Aspectos pedagógicos da ginástica artística. São Paulo. Tese (Livre Docência) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo; 2009.

27. Almeida P. Treino de crianças e jovens na ginástica: iniciação, problemas e temas de preocupação. *Treino Desportivo*, 2005; 7: 52-58.
28. Salgado M. Para nós, jovens treinadores. *Treino Desportivo*, 1999; 2: 67-71.
29. Mussen PH, Conger JJ, Kagan J, Huston AC. Desenvolvimento e personalidade da criança. São Paulo: Ed. Harbra; 1995.
30. Roberts GC, Mckelvain R. The motivational goals of elite young gymnasts. In: Salmela JH, Petiot B, Hoshizaki TB. *Psychological nurturiang and guidance of gymnastic talente*. Montreal: Sport Psyche Editions; 1987. p. 187-193.
31. Cogan KD, Vidmar P. *Sports psychology library: gymnastics*. Morgantown: Fitness Information Technology; 2000.
32. Magill RA. *Aprendizagem Motora: conceitos e aplicações*. Tradução Dra. Aracy Mendes da Costa. São Paulo: Edgard Blücher; 2002.
33. Schmidt RA, Wrisberg CA. *Aprendizagem e performance motora: uma abordagem baseada no problema*. Porto Alegre: Artmed; 2001.
34. Marques A. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In: Gaya A, Marques A, Tani G. *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2004.
35. Ferreira Filho RA, Nunomura M, Tsukamoto MHC. Ginástica artística e estatura: mitos e verdades na sociedade brasileira. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 2006; 5(2): 21-31.
36. Santos FCP, Antunes HT, Reis BB. Preconceito aos meninos na prática de ginástica artística. *Movimentum*, 2008; 3(1): 1-10.
37. Fraser-Thomas JL, Côté J, Deakin J. Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 2005; 10(1): 19-40.
38. Nunomura M, Oliveira MS. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, 2014; 28(1): p. 125-134.